Discurso de posse no Instituto do Ceará

Vladir Menezes

Horácio, em sentença magistral, revelou a fórmula ideal para agradar: *Esto brevis sed placebis.* Assim, lembrando o grande poeta romano, procurarei ser breve.

Meu interesse pelo estudo da História é antigo. Data dos idos de 1947, quando ingressava na primeira série ginasial e me entusiasmava com o valor da civilização helênica, despertando no homem o interesse pelo saber, ensinando-o a pensar; os tempos heróicos, quando da hegemonia ateniense do século de Péricles, com uma democracia bem diversa da atual, onde outros valores morais bem mais elevados atuavam; o pensamento e a cultura helênicos, tão marcantes que, mesmo quando a civilização helenística teve sua expansão impedida pelas civilizações cartaginesa e romana, levou Horácio a dizer, em famosos versos, *Graecia capta ferum victorem cepit et intulit agresti Latio* (A Grécia vencida conquistou, por sua vez, seu selvagem vencedor e trouxe sua civilização ao inculto Lácio). Daí ao pleno estudo da História Universal e do Brasil.

Somente em 1982, contudo, estimulado por dois queridos e velhos companheiros: João Nazareth Cardoso e Manuel Lima Soares, comecei a realizar-me profissionalmente. O primeiro, colega da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, então Vice-Reitor da Universidade Estadual, me fez partir para o estudo mais profundo, matriculando-me no Curso de História da UECE. O segundo, irmão nos ideais maçônicos — percorremos estudando todos os graus filosó-

ficos até o 33 —, animando-me durante todo o Curso, propondo-me para a Sociedade Cearense de Geografia e História e sempre acenando-me para a Casa do Barão.

Diplomado em História, permutei a disciplina de Introdução à Administração, que lecionava na Faculdade de Economia da Universidade Federal, pela de História Econômica Geral e do Brasil. Desde então, o estudo dos temas históricos deixou de ser simples diletantismo para ocupar a preocupação dominante de todas as minhas atividades intelectuais.

O ingresso na Sociedade Cearense de Geografia e História, onde despontam muitos dos que aqui laboram, fez-me sentir ainda mais próximo deste cenáculo, suprema consagração do intelectual.

Desde sua fundação, em data de 4 de março de 1887, por iniciativa de um seleto grupo de 12 estudiosos, entre os quais realçavam Paulino Nogueira, seu primeiro presidente e Guilherme Studart, o Barão de Studart, seu terceiro presidente, insigne figura que, pelo gênio investigador se tornaria, segundo Vieira Fazenda, "O Alexandre Herculano do norte do Brasil", o Instituto do Ceará, de história cintilante, tem sido o salão nobre da inteligência cearense. É, de fato, o lídimo órgão representativo, interpretativo e consultivo, o livro especial onde se registra a História, a Geografia, ambas nascidas da curiosidade intelectual dos jônios, e a Antropologia.

Quando nasci meu pai já o freqüentava, na qualidade de sócio efetivo, há pouco mais de um ano. Criança, lembro-me bem de Joaquim Alves e suas gargalhadas retumbantes. Adolescente, ainda, conheci e convivi com Helio Melo, hoje amigo afeiçoado. José Aurélio Câmara, Pe. Misael Gomes, Denizard Macêdo e Oswaldo Riedel foram meus professores na então Escola Preparatória de Fortaleza. Andrade Furtado, Clodoaldo Pinto, Dolor Barreira, Sobreira de Amorim, Fran Martins, Albano Amora e Paulo Bonavides, mestres igualmente estimados, na Faculdade de Direito. Com o Reitor Antônio Martins Filho, que me deu o indispensável apoio para chegar a esta Casa, tive a honra de trabalhar no seu primeiro reitorado, testemunhando seu dinamismo e sua invulgar capacidade administrativa, aliada ao intelectual de valor que mereceu de seus pares o título de "Reitor dos Reitores". Mais tarde, quando ingressei, como professor, na Faculdade de Economia da Universidade Federal, tive a honra de ter como colegas os insignes mestres Parsifal Barroso, Mozart Soriano

Aderaldo, Manuel Lima Soares, Luiz Barros, Cláudio Martins, Abelardo Montenegro, Geraldo Nobre, Nilson Holanda e, mais uma vez, Denizard Macêdo. Itamar Espíndola, advogado brilhante, conheci-o quando militava no Fórum da Capital. Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, aprendi a admirá-lo quando na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Eduardo Bezerra Neto e Pedro Alberto são, de longa data, amigos afetuosos, atuantes em outras áreas da mesma Universidade. Caio Botelho, João Hipólito, Guarino Alves, Rubens de Azevedo, Joaryvar Macêdo, Alves de Andrade, Alencar Araripe, Florival Seraine, Maria da Conceição, Eduardo Campos e Paulo Ayrton, além de muitos dos já referidos, no trato fraterno da Sociedade Cearense de Geografia e História. E, finalmente, com Vinicius Barros Leal, Fernando Câmara, Arruda Furtado, Teixeira de Freitas, Melquíades Paiva, Luís Sucupira, Zélia Camurça, Aristides Ribeiro e Mauro Benevides, espero firmar os mesmos laços de amizade que me ligam aos demais.

Foi na Sociedade Cearense de Geografia e História que tive a honra de conviver com um inesquecível companheiro, recentemente falecido, igualmente figura de escol nesta Casa: Raimundo Girão. Aprendi a admirá-lo ainda jovem, com Paulo Elpídio de Menezes, meu avô paterno, seu colega na turma de 1924 da Faculdade de Direito. Doente, em sua residência, garantiu-me seu voto. Por iniciativa própria, deu-me uma Procuração já no hospital, quando o visitei em companhia de Mozart Soriano Aderaldo, dizendo-me que não poderia comparecer a eleição mas estaria presente a solenidade de posse. O destino não lhe permitiu efetivar sua intenção mas o documento será carinhosamente guardado e, em meu coração, sempre somado aos votos efetivamente recebidos. Raimundo Girão será sempre lembrado por todos como um dos mais profícuos historiadores de nossa terra.

Muitos dos mencionados são hoje saudosas mas efetivas e afetivas lembranças; outros, para júbilo de todos, continuam em pleno vigor, dispensando inestimáveis colaborações à cultura pátria como lídimos representantes da historiografia cearense. São aqueles homens que, nas palavras do poeta norte-ameircano Henry Wadsworth Longfellow, "deixam pegadas nas areias do tempo."

Creio, assim, o estudo persistente aliado a íntima convivência com membros deste Sodalício, de tão gloriosas tra-

dições, justificam a realização do sonho, recompensa e estímulo de uma existência de dedicação aos livros.

Afortunado na vida patricular, onde há mais de trinta anos desfruto de um lar cheio de felicidades, ao lado da esposa amada, principal responsável por tudo que realizei, julgo, ao penetrar nesta Casa que, com a honraria de sócio efetivo a mim presentemente concedido, consagro-me intelectualmente e minha vida pública também se torna completa. Parodiando Samuel Howe, abolicionista militante norte-americano que considerava "homem rico unicamente aquele que vive com o que tem, não deve nada e está contente", posso, agora, declarar-me rico.

Com grande honra tomo assento na Cadeira nº 16, cabendo-me, nesta oportunidade, lembrar as figuras inesquecíveis de seu patrono, José Carvalho e do mais recente ocupante, Virgílio Távora.

A reforma estatutária, efetuada em 1931, acresceu 6 novas Cadeiras às 12 iniciais. Coube a José Carvalho, em data de 31 de outubro de 1931, ocupar a de número 16. Descendente dos alencares do Crato, foi historiador, folclorista, poeta e advogado. Em Fortaleza, sob o pseudônimo de Cariri Braúna, fez parte da célebre Padaria Espiritual.

Escreveu e publicou livros, entre os quais destacam-se *Perfis Sertanejos* (Costumes do Ceará), *Tricentenário do Ceará, Pero Coelho, Heroína Nacional — Bárbara de Alencar, Os Jangadeiros Cearenses em "raid" no Pará, O Matuto Cearense* e *Caboclo do Pará*, quiçá sua obra de maior valor por analisar os dois grupos humanos, base da população da Amazônia. Em seus trabalhos José Carvalho ressalta o amor à sua região e ao seu povo, fazendo Leonardo Mota observar que "foi um didata da brasilidade e acima de tudo um professor de cearensismo."

O segundo ocupante foi Djacir Menezes, empossado na presidência do Barão de Studart, a 20 de maio de 1933 que, por força de reforma estatutária, passou a ocupar nova Cadeira, abrindo vaga para Manuel do Nascimento Fernandes Távora, terceiro ocupante.

Manuel do Nascimento Fernandes Távora tomou posse em 13 de maio de 1944. Nasceu em Jaquaribe, a 21 de março de 1877. Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1902, exerceu a profissão nas cidades de Crato, Fortaleza e na Amazônia. Foi Deputado Estadual em duas legislaturas, Deputado Federal e Senador. Em 1930, foi

Interventor Federal no Ceará. Joaquim Alves ao saudá-lo disse que "O Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora representa uma das velhas estirpes cearenses, que têm dotado o Ceará de grandes idealistas e de grandes homens de ação nos diversos setores da atividade humana."

Virgílio Távora foi o quarto ocupante. Eleito sócio efetivo em 21 de janeiro de 1974 e empossado em 4 de julho do mesmo ano, Virgílio de Moraes Fernandes Távora, de ascendência gloriosa nesta Casa, teve em seu avô, Virgílio Augusto de Moraes, um de seus fundadores que este colegiado não poderia deixar de honrar nesta plêiade de homens representativos da inteligência e dignidade desta terra inexaurível.

A biografia de Virgílio Távora é parte integrante da história política e econômica do Ceará.

Virgílio Távora nasceu em Fortaleza, a 29 de setembro de 1919. Filho de Manuel do Nascimento Fernandes Távora, já referido, e de Carlota Augusta de Moraes Fernandes Távora, casou com Luiza de Moraes Correia Távora com quem teve dois filhos: Carlos Virgílio e Tereza.

Muito jovem, com 10 anos apenas, ingressou no Colégio Militar de Fortaleza, logo se transferindo para o Colégio Militar do Rio de Janeiro. De 1936 a 1938, freqüentou a Escola Militar do Realengo, sendo declarado Aspirante na Arma de Engenharia.

Na sua carreira militar foi promovido a 2º Tenente em 1939, a 1º Tenente em 1941, a Capitão em 1944, a Major em 1950, a Tenente-Coronel em 1955 e a Coronel em 1960. Conquistou, como militar, os diplomas superiores dos Cursos de Engenharia, Estado-Maior, Escola Superior de Guerra e Técnico de Administração. Tirou o primeiro lugar nos três principais Cursos do Exército: o oficialato, quando recebeu a espada das mãos do Presidente Getúlio Vargas, o da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e o da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Foi, pois, o que seus colegas de armas chamam, numa justa homenagem, "tríplice coroado."

Persuadido por seu pai, que almejava ver na família sucessor à altura das tradições políticas, passou a servir no Estado-Maior da 10ª Região Militar como Major. Nos fins de semana convivia com políticos jovens da época, promovendo ligações políticas no interior do Estado e conquistando a confiança e aceitação das tendências udenistas, com as quais seu pai era solidário.

Em junho de 1950, quando gozava de licença-prêmio do Exército, conscientizou-se de que, naquele momento, teria que se despedir das Armas, interrompendo, assim, uma já vitoriosa carreira militar, cedendo a uma vocação ainda maior: a Política, aquela a que, já em 1825, se referia José Bonifácio como "A estrada limpa da verdadeira Política, que é filha da Razão e da Moral."

Paralela à militar, começava a sobressair o político. Ainda Major, em 1950, elegera-se Deputado Federal. Em seu primeiro mandato já revelava sua capacidade de liderança, ao assumir, em 1953, a Secretaria-Geral da Executiva Nacional da UDN.

Em 1954 foi reeleito Deputado Federal, com mandato até 1958. Em 1957, foi Vice-Presidente da Executiva Nacional da UDN, reeleito em 1959.

Em 1960 atingia, no Exército, o posto de Coronel, e, na política, projetava-se nacionalmente ao coordenadar a campanha de Jânio Quadros à Presidência da República. No ano seguinte, integrava o primeiro Governo Parlamentarista, na qualidade de Ministro da Viação e Obras Públicas, sob a chefia do Premier Tancredo Neves.

À frente da maior coligação política do Nordeste, elegeu-se, pela primeira vez, Governador do Ceará, a 3 de outubro de 1962, sendo empossado a 25 de março do ano seguinte, com mandato até 1966. Nesse período, destacou-se, principalmente, por ter trazido a energia de Paulo Afonso à Fortaleza, em 1965. Raimundo Girão, na sua *Pequena História do Ceará,* afirma que "Caracterizou-se a administração Virgílio Távora por audaciosas iniciativas em favor da infra-estrutura necessária à aceleração dos meios capazes de neutralizar o nosso subdesenvolvimento, podendo-se salientar entre as muitas obras iniciadas a concretização das primeiras metas do plano de eletrificação do Ceará, com a energia de Paulo Afonso."

Virgílio Távora iniciou um novo estilo de governo, com base no planejamento. Sob o título "Demiurgo Cearense", editorial de *O Povo* de 10 de março corrente, afirma que "Como Governador, Virgílio Távora fez uma verdadeira revolução no ato de governar. Introduziu, pela primeira vez no Ceará, o planejamento econômico e formulou uma estratégia de ação a longo prazo capaz de propiciar ao Estado uma alternativa de desenvolvimento que o retirasse da servidão estrutural à terra e ao clima."

Virgílio Távora renunciou ao Governo em 15 de agosto de 1966, para voltar à Câmara Federal como Deputado, tendo obtido a maior votação já recebida por um Deputado Federal em toda a história do Ceará.

Nesse período foi membro das Executivas Nacional e Regional da ARENA (1968) e da Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional (1970).

Em 1971, elegeu-se Senador, obtendo a mesma consagração das urnas. No Senado Federal integrou Comissões de Finanças, Economia, Orçamento e Segurança Nacional, sendo, no período de 1973/74, Vice-Líder do Governo para assuntos econômico-financeiros e Vice-Presidente da Comissão de Finanças.

Em fevereiro de 1979, deixou o Senado para assumir, pela segunda vez, o Governo do Estado, no período 1979/1983. Em maio de 1982, entretanto, transmitiu o Governo ao Vice, Manoel de Castro Filho, retornando ao Senado em fevereiro do ano seguinte.

Virgílio Távora, Ministro de Estado duas vezes, duas vezes Governador, duas vezes Senador, quatro vezes Deputado Federal, foi uma das figuras mais expressivas da política local e nacional. Em sua atuação política deu grande impulso às fontes de energia no Ceará, através da extensão da linha de Paulo Afonso. Destacou-se nas campanhas pela utilização de energia nuclear para fins pacíficos e em favor da PETROBRÁS como co-autor da Emenda 63 que outorgava o monopólio estatal do petróleo, no estudo de que resultou a criação da SUDENE, promoveu a unificação da política portuária, através da PORTOBRÁS, e foi o autor da Lei de Informática.

É detentor de medalhas e títulos honoríficos, entre os quais destacamos as medalhas Duque de Caxias, Marechal Hermes, Mauá, do Pacificador, da Ordem do Tesouro Sagrado (1ª Classe — Japão), do Mérito Nacional (1ª Classe — Alemanha), de Tamandaré, Cândido Rondon, do Patriarca, Sesquicentenário do Senado Federal, Bárbara de Alencar, da Abolição, Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades Federal e Estadual do Ceará, além de inúmeras missões internacionais em Viena, Roma, Tóquio, México e Alemanha.

Virgílio Távora caracterizava-se como um verdadeiro humanista. Sua cultura, além da área técnica, abrangia outros ramos do conhecimento, tais como literatura clássica brasileira, portuguesa, francesa e inglesa. Versado em História

Universal e Nacional, conhecia pormenores de música erudita e apreciava pintura e escultura.

Procurando melhor desempenhar seus mandatos legislativos, dedicou-se aos estudos econômicos, capacitando-se, assim, aos debates com renomados estudiosos, liderando o governo nos assuntos econômicos, na Presidência Geisel.

Virgílio Távora enobreceu todos os mandatos que lhe foram conferidos. Na época em que vivemos uma crise de valores, particularmente pelo desgaste dos homens públicos junto à opinião pública, Virgílio Távora entra para a história, deixando-nos exemplo de retidão de caráter, honestidade, lealdade e outras qualidades reconhecíveis na personalidade dos verdadeiros líderes.

Este último predicado, o da lealdade, realça em suas atitudes de límpida coragem moral. Por ocasião do advento da energia de Paulo Afonso à Fortaleza, a 1º de fevereiro de 1965, em pronunciamento na Praça de Otávio Bonfim, tendo ao seu lado o Presidente Castelo Branco, leal e francamente, declarou: "Manda a Justiça e impõe a História que se diga que grande parte dessa obra se deve ao antecessor de V. Exa., Dr. João Goulart". O pronunciamento, independente de cor partidária, fez justiça a atuação do Presidente deposto.

Em entrevista concedida a *O Povo*, de 30 de abril deste ano, Virgílio Távora declarou: "No primeiro governo lancei a base para o desenvolvimento do Estado. No segundo, lutei indormidamente para tornar realidade tal objetivo, tendo como metas possessivas: mudança do perfil da economia cearense (orientação de Virgílio); promoção social das comunidades, grupos e pessoas carentes (responsabilidade de Luiza); reestruturação administrativa".

Virgílio Távora teve a ditosa sorte de encontrar a companheira ideal que tão bem sintonizou com o ritmo de sua grande vida política: D. Luiza Távora. Na entrevista que brindou ao *O Povo* (edição de domingo, 24 de julho de 1988), disse-nos do encanto e ventura do seu lar ao lado do cearense que tanto merece de sua terra. Na sua evocação, D. Luiza trouxe um pouco daquela aurora que iluminou a existência do casal excelso.

Virgílio Távora um dia declarou: "Espero morrer sem quebrar meus compromissos". E, em outra oportunidade: "Vale a pena dedicar a vida à causa de uma gente e de um povo". Estamos todos certos de que Virgílio Távora, efetivamente, foi fiel à sua palavra. Tem, é certo, lugar de destaque

na História do Ceará, como o maior líder político produzido por esta gleba neste último século. É o saudoso consolo que fica para orgulho de D. Luiza, de seus filhos Carlos Virgílio e Tereza e dos inúmeros amigos que deixou, particularmente neste Instituto, onde será sempre lembrado e cultuado por todos.

Sou, a partir de agora, pela generosa aquiescência de meus ilustres consócios, o quinto ocupante da Cadeira nº 16, mais um dos que trabalham neste Sodalício, irmanados por um só ideal, o mesmo ideal daqueles que tiveram a feliz iniciativa de, há um século, lançando as bases desta nobre Instituição: a pesquisa e o desenvolvimento da História, da Geografia e da Antropologia brasileira e, em particular, a cearense.

Alcancei a maior honra que poderia almejar. Cabe-me, agora, neste Cenáculo, abrigo da inteligência cearense, incorporar-me àqueles que diligenciam não só para determinar os fatos históricos, mas também compreendê-los.

A História, *magistra vitae,* nas palavras de Cícero, não é, apenas, um simples registro de eventos com memorização de nomes, datas e lugares. É necessário interpretá-los, enquadrando os acontecimentos numa estrutura mais ampla. Ao historiador cabe mostrar que, antes de trazer à memória, deve-se pensar criticamente a História.

Benedetto Croce, idealista que não reconhecia nenhuma filosofia além da de Hegel, pregava uma combinação da História com a Filosofia. Voltaire, por sua vez, atribuía tão intensa dimensão à História que chegava a dizer: "Somente os filósofos deveriam escrevê-la". Justificava sua assertiva acrescentando que "Em todas as nações a história é desfigurada pela fábula, até que a filosofia venha a esclarecer o homem; e quando ela chega, afinal, em meio a esta escuridão, encontra o espírito humano tão cego por séculos de erros que mal pode libertá-lo; encontra montanhas de cerimônias, fatos e monumentos para provarem mentiras".

Tal como o famoso autor de *Cândido,* penso na profundidade que deve ter todo estudioso da História. Nesta Casa do Barão, durante sua centenária existência, já despontaram grandes nomes, dignos da apreciação de Voltaire.

Na oportunidade, agradeço as palavras carinhosas proferidas pelo estimado amigo Caio Lóssio Botelho, orador desta Casa, que me brindou com palavras amáveis, fruto de

quatro décadas de convivência fraterna, que muito me honra e envaidece.

Meus reconhecimentos aos amigos diletos Mozart Soriano Aderaldo, João Hipólito Campos de Oliveira e Manuel Lima Soares que, juntamente com o Orador, tiveram a iniciativa de proporem meu nome para membro efetivo deste Sodalício.

Minhas imorredouras saudades, lembranças de três inesquecíveis ascendentes: meus avós paternos, Paulo Elpídio e Oda, casal exemplar, com quem convivi a maior parte de minha vida de solteiro e minha mãe.

Ao meu pai que me transmitiu o amor pelos livros, a dedicação ao estudo e a atração crescente por esta Casa de saber, o abraço filial do consócio benjamim ao mais antigo.

Ao amigo querido Wagner Barreira, mestre ilustre, que me guiou nos meus primeiros passos no magistério, o agradecimento sincero.

À minha esposa, filhos, genro, noras e netas, irmãos, amigos, colegas de Universidade, companheiros da Sociedade Cearense de Geografia e História e deste Instituto, Autoridades, enfim, todos que aqui compareceram, meu emocionado agradecimento pela presença calorosa e fraterna.

Ab Imo Corde
Muito obrigado.